

VALQUIRIA VITA



BOLIVAR  
PEDROTTI  
MELGARÉ

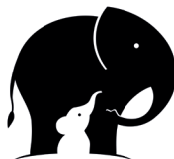


LEGADO  
HISTÓRIAS DE VIDA



VALQUIRIA VITA

BOLIVAR  
PEDROTTI  
MELGARÉ



**LEGADO**  
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Valquiria Vita  
Diagramação: Fabiane Reginato  
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida  
Fotos: Arquivo pessoal  
Ano: 2022

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)

Sinto falta do Bolívar.

Infelizmente, não tive aula com ele. Nunca fui atendido por ele nas inúmeras delegacias de polícia do Estado em que trabalhou. Não fui seu cliente no escritório de advocacia. Quando ele se foi, eu tinha alguns meses de idade. Não conhecia ninguém da família Melgaré. A minha família não tinha amigos em comum com a família de Bolívar.

Minha ligação com a família Melgaré começou mais de vinte depois do falecimento de Bolívar. Foi quando vim a conhecer a neta dele, minha esposa, e quando passei a conhecê-lo.

Nunca convivemos e nunca conversamos, portanto. Mas, mesmo assim, sinto falta. Pode parecer estranho, mas é a mais pura verdade.

Lendo o seu legado e, especialmente, ouvindo as histórias de quem conviveu com Bolívar, fica claro que teríamos muito a conversar.

Como eu gostaria de ouvir as histórias de polícia do interior do Rio Grande do Sul, tão escandalosas, quanto alegóricas. Ele falando de seus casos de polícia, das noites mal dormidas... Tecendo detalhes sobre os bandidos mais perigosos, sobre os seus bandidos preferidos. Sobre aquele caso complicado, que terminou bem. Sobre um caso simples, que se tornou complexo... Os homicídios. Ah, como eu queria ouvir as histórias de homicídios...

Aprenderia com Bolívar. Um rapaz que se tornou delegado e teve de atuar no interior do Estado. Para quem não sabe, antigamente, delegado da Polícia Civil, no interior,

era sinônimo de autoridade máxima – acima do Prefeito e só abaixo do padre. E ai dele se não tiver bigode.

Não consigo imaginar o quão difícil e desafiadora foi essa tarefa. Por isso, queria falar sobre isso, ouvir e aprender.

Não contei, mas também sou policial, também sou delegado (e no interior). Então, teríamos algumas histórias mais para compartilhar – muito embora as minhas sejam infinitamente menores em quantidade e riqueza de elementos.

Queria falar sobre Direito e política com o Bolivar – e com sua seleta turma de amigos. Ah, como queria participar daquela roda de chimarrão ao redor de uma goteira. Esse tipo de conversa é um prazer que só pessoas que gostam muito do Direito e da política é que entendem. Parece pedante, chato e petulante. Mas quem gosta desse tipo de conversa sabe que, em verdade, elas não objetivam chegar a lugar nenhum e nem convencer ninguém. Elas começam sem preparação e se estendem por horas.

Certamente essas conversas seriam entremeadas com piadas e anedotas. Algumas delas repetidas de conversas anteriores – mas que seriam igualmente engraçadas.

Imagino um final de tarde, um mate e uma conversa dessas... De preferência, numa cidade do interior. Um mate no interior do Rio Grande do Sul é infinitamente mais saboroso que em uma grande cidade. O tempo, aqui no interior, passa mais devagar. A conversa na sacada, na rua ou em um kitnet, sem pressa, é um virtuoso hábito que deveríamos manter.

Por isso, digo que sinto falta.

Vocês verão, também, que Bolívar tem um bisneto. E ele adora ter a polícia na família. Por uma engenhosidade do destino e das culturas, na escola, ele é chamado pelo sobrenome Melgaré (em que pese tenha outros três sobrenomes).

Fico imaginando o Bolívar contando as mesmas histórias de polícia, em tons mais amenos, para o seu bisneto. Certamente, o Bolívar teria um 38, canela seca, da época da Polícia, para mostrar para ele. Um 38 é muito mais legal que uma pistola.

Mostraria as fotos antigas, nos carros da polícia, nos gabinetes, nas celas e nas cenas.

Bolívar certamente teria uma máquina de escrever e anotações antigas, da época da polícia, para mostrar para seu bisneto. Fotos envelhecidas, dos piores crimes e dos piores criminosos.

Por isso, sentimos falta.

E essa é a importância deste livro. Para que aqueles que não conviveram com Bolívar tenham a oportunidade de experimentar as virtudes e as histórias que ele deixou no mundo. Para que o papel perpetue o seu legado quando a lembrança dos que conviveram com ele não estiver mais presente.

Por isso, prepare seu mate e aproveite.

Tiago Coutinho

Marido de Geraldine, neta de Bolívar





*Nós não somos nós mesmos.  
Somos o resultado das nossas ações.*

Slogan do Lions Club



*Muitos beijos à minha querida mãe e avózinha.  
Peço ao bom Deus sempre a sua saúde para a nossa  
completa felicidade.*

*Beijos do Bolívar P. M.*

*Montenegro, 29 de junho de 1943.*



Há uma rua, no bairro Interlagos, de Caxias do Sul, que se chama Bolivar Pedrotti Melgaré. Quem mora e trabalha nessa rua talvez não saiba, mas Bolivar foi um homem que fez muito. Faz jus à homenagem que recebeu com seu nome.

Esse livro faz parte dessas homenagens.

Bolivar estava destinado a realizar grandes feitos. E cumpriu a sua missão. Seu tempo com entes queridos e colegas de trabalho foi curto, mas intenso.

Sua história começa em 26 de junho de 1936, em Montenegro, RS. Bolivar era o único filho de Pedro Melgaré e Rejane Pedrotti.

Devido a uma série de perdas, Bolivar foi acompanhado por vários adultos diferentes ao longo dos anos. Mas cada um deixou nele um pouco de si. E contribuiu, de alguma forma, para a sua educação e para o homem que ele viria a se tornar.

A mãe, Rejane, aos 23 anos de idade, faleceu após enfrentar uma doença (na época desconhecida, mas que mais tarde se descobriria ser uma doença genética, que afeta o sangue). Nota no jornal de maio de 1938 diz: *“A sociedade montenegrina recebeu com o mais vivo pesar o falecimento da exma. sra. d. Rejane Pedrotti Melgaré. O passamento da bemquista senhora ocorreu no mês passado. Descendente da antiga família local, a extinta desfrutava da mais alta estima, pelo seu bondoso coração. A cerimônia esteve grandemente concorrida, o que demonstra o elevado grau de apreço que era tida pela sociedade local.”*

Bolívar tinha apenas dois anos de idade e após a morte da mãe, foi criado e mimado pela avó materna, Leonina. Um artigo do jornal de Montenegro escrito por Leonina em 1939 e guardado em seu diário cita o seguinte:

*“Eu tenho dois netinhos, Bolívar e Jane, são eles o principal motivo do meu viver. São dois astros que iluminam o caminho da minha existência, que suavizam as saudades e mágoas em que vivo imersa. O Bolívar, o querido déspota, de negros e meigos olhos, o ‘soberano’ da casa do vovô, é de uma vivacidade e inteligência fora do comum. Conversa como ‘gente grande’ e aprende tudo com facilidade. Sobe numa cadeira e com desembaraço declama:*

*Sou pequenino,  
sou basilêlo,  
por isso amado  
do mundo intê-lo.*

*Bolívar é, infelizmente, órfão de mãe, motivo porque é muito mimoso e cheio de vontades. Obriga-nos a dobrar-nos aos seus caprichos. Do avô faz o que quer, cavalga-o puxa-lhe para todos os lados. Não o deixa ler nem sair, sem levá-lo junto. Quando ele se excede, então, o avô ameaça de não lhe ‘querer mais’. Porém, toda essa ‘energia’ cai diante dos ‘agrados’ e das palavras do netinho: ‘O nenê, é amiguinho do vovôzinho’. O vovô então,*

*abandona tudo: livros, jornais, sésta, e segue o traquinas para lhe fazer toda a sorte de brinquedos: carrinhos, pistolas, espadas e tantas outras que no fim do dia ficam atiradas a um canto. Nesses momentos, difícil seria dizer qual a criança."*

Bolivar foi uma criança que se destacou. Andou pela primeira vez quando tinha recém completado um ano de idade (13 de agosto de 1937, data registrada carinhosamente no diário de Leonina), e entrou para o Colégio Municipal aos seis anos, onde chamou a atenção pela inteligência. Antes dos sete, já sabia ler livros, revistas e jornais, e fazer as quatro operações de matemática. Apenas um porém: "É terrivelmente arteiro," diz o diário, conservado até hoje pela família.

Em Montenegro, ele aprontava tanto que as pessoas comentavam: "Esse guri vai dar bandido." Preocupada que não estava mais conseguindo fazer com que ele a obedecesse, Leonina o levou para que o pai, Pedro, o cuidasse, quando o menino chegou na pré-adolescência.

Pedro era funcionário da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, e lá, longe das asas da avó, Bolivar teve uma criação bem mais rígida (o pai era conhecido por ser muito sério). Leonina, que sentia saudades, às vezes mandava um dinheirinho escondido nas cartinhas que enviava ao neto.

Pedro, depois de ficar viúvo, havia se casado com

uma diretora de escola, Adi Peres Melgaré, então, na casa realmente não havia espaço para sair da linha. Algumas vezes, Bolívar conseguia sair escondido para a lancheria, onde tomava um copo gigante de batida de banana.

Em Santa Maria, passou dois anos (dos 12 aos 14) ao lado do meio-irmão, Celso Perez Melgaré, filho que Pedro havia tido nesse segundo casamento. “Eu tinha uns sete anos e me apresentaram ao Bolívar, seis anos mais velho que eu. Eu era sozinho, então foi legal ter um companheiro,” conta Celso. “O pai era mesmo muito rígido, repressivo demais. Lembro que nós não podíamos sair para a rua, tínhamos que ficar no pátio da casa. No sábado e domingo, podíamos jogar bolita, mas durante a semana tínhamos que guardá-las e estudar. Eu não podia nem ler gibi. O pai comprava a Tico-tico era uma revista infantil da época, que ele achava mais apropriado. O Bolívar foi criado pela avó, então ele era muito solto, muito descolado, costumava andar na rua. Para ele, deve ter sido duro ter ficado preso esse período.”

Pedro faleceu alguns anos depois e Bolívar e Celso se separaram. *“Pedro Melgaré tinha qualidades de caráter como cidadão útil que foi à sociedade, integrado nas boas causas, na sua simplicidade e modéstia. O falecimento de Pedro, que por longos anos, como cooperativista, viveu integrado no meio ferroviário, causou pesar a quantos o conheceram e apreciaram seus dotes de caráter,”* diz um recorte de jornal guardado no diário de Leonina sobre o acontecimento.



Após o falecimento, foi Quinca (apelido para Joaquim), irmão dele, que tomou conta de Bolivar como se fosse um filho. Quinca incentivou que Bolivar terminasse os estudos, o que era um desejo de Pedro (que dizia que queria que o filho seguisse estudando – algo que não era tão comum na década de 50 – além de trabalhar). “O pai, perto de morrer, pediu ao irmão, Joaquim: ‘tu cuida dele? Mas tu põe ele estudar, e logo põe ele a trabalhar, para tu não precisar custear as coisas dele’. Ele cumpriu e eu até desconfio que talvez o Bolivar sabia disso, porque ele não quis estudar tanto, e sim trabalhar,” conta Celso.

Para morar com Quinca, Bolivar retornou à cidade natal, Montenegro. Mas depois mudou-se com o tio para Passo Fundo, onde ingressou no Exército. Quinca era delegado (trocava muito de cidade, o mesmo que aconteceria com Bolivar depois), e foi aí que o jovem começou a ser incentivado a seguir esse caminho profissional. Ingressou na delegacia com Quinca e o acompanhou como Inspetor, uma das funções mais iniciais da polícia. Tinha menos de 20 anos de idade quando começou.

Aos 22, ele conheceu Najara Lucia, em Montenegro. A jovem porto-alegrense era uma pessoa alegre, sociável, inteligente e de coração puro. Isso tudo atraiu Bolivar de imediato. Eles logo se casaram. A noiva tinha apenas 17 anos, Bolivar, seis anos a mais. Era 1958.

Najara nada sabia sobre a vida íntima, casou-se sem ter tido nenhuma conversa sobre isso (a mãe havia

morrido jovem, como a de Bolívar, e o pai era muito rígido — também era da Brigada Militar), tampouco alguma experiência. A primeira gravidez veio logo em seguida.

O jovem casal foi morar com a vó Leonina e lá começou a nova família. Mas apenas a primeira filha nasceu na cidade. Cada uma das três meninas nasceu em um local. Primeiro veio Leda Rejane, em 1959. Depois, mais uma menina, Leila Regina, quando eles estavam em São Luiz Gonzaga, em 1963. E mais tarde, Leise Rosane, em Tuparendi, em 1964 (nessa cidade, perto de Santa Rosa, como não havia casas para alugar, a família viveu em um hotel). Todas as mudanças foram feitas por causa da carreira de Bolívar nas delegacias de polícia. Najara e as meninas iam sempre junto.

A família passou também por Santa Rosa e Palmeira das Missões, até chegar em Caxias, onde se estabeleceu, após Bolívar achar a cidade a mais estruturada até então para criar as três filhas. Ele chegou a ter convites de trabalho em Porto Alegre, mas preferiu ficar em Caxias.

Anos antes, haviam passado por um período (não muito fácil) na Capital. Leda tinha apenas um ano de idade e Bolívar levou a família para lá para que ele fizesse a Escola de Polícia. Foi um tempo de bastante dificuldade financeira, pois ele não ganhava quase nada e Najara não trabalhava (era uma época em que as mulheres não eram muito incentivadas – algumas vezes nem autorizadas – a fazer isso). Para Bolívar, “mulher era para ficar em casa.”

Moraram em uma casinha (que Najara depois se

referiria como "um barraco") atrás do estádio do Grêmio e chegaram a ter que vender algumas das roupas para poder comprar os mantimentos para a casa. Quando tinham que sair, usavam uma cadeira para trancar a porta e deixavam o rádio ligado para que ninguém entrasse. E à noite, Bolivar estudava para o concurso para delegado da polícia à luz de velas. A cada mudança, eles transportavam os móveis (em nem tão bom estado assim) em caminhões abertos, mesmo na chuva. Bolivar nunca reclamava.

O casal tinha a quem recorrer. Bolivar tinha Quinca, que era dono de fazenda, além de delegado, e Najara tinha o pai, que era do alto escalão da Brigada Militar. Mas depois que se casaram, os dois decidiram que iriam se virar, mesmo que isso tenha sido bem difícil no início. Voltar para as casas das famílias de onde vieram não era uma opção. "Eu saí de casa e agora tenho minha própria família. Não vou pedir nada para ninguém", pensava Bolivar.

Mais do que uma questão de orgulho, isso também acontecia porque Bolivar era uma pessoa simples. Não gostava de ostentar, de mostrar vaidade. Nem quando as coisas começaram a melhorar financeiramente, o que aconteceu nos anos seguintes. Ele seguiu tendo a simplicidade e a discrição que atraía todos que o conheciam.

Em Porto Alegre, Bolivar foi aprovado no concurso da polícia. *"O sr. Bolivar Pedrotti Melgaré concluiu recentemente com muito brilhantismo o curso de*

*Delegado de Polícia Civil*”, diz um recorte de jornal guardado pela avó Leonina.

Bolivar e Najara instalaram-se em Caxias. Leda, a mais velha, tinha oito anos. Aqui em Caxias, a carreira de Bolivar realmente deslanchou. Até então, ele havia sido Inspetor e Delegado em diferentes cidades, mas em Caxias, assumiu o posto de Delegado Regional da Polícia Civil, comandando toda a região.

Foi chamado em Caxias justamente por causa de sua conduta. Por ser conhecido como durão, linha dura e super íntegro, era esperado “que fizesse uma limpeza na cidade.” Bolivar era conhecido por ser “incorrupível”, não se dobrava ao sistema. Tinha seus posicionamentos muito claros e não aceitava nada que não fosse correto e justo. Era o pulso firme que Caxias precisava na época. Não decepcionou. Pelo contrário, se destacou no cargo ainda mais do que os superiores tinham previsto.

A família guarda até hoje diversos documentos policiais que o homenageiam pelo trabalho, não só em Caxias, mas em diferentes cidades. *“O Superintendente de Serviços Policiais resolve LOUVAR o Delegado Regional de Polícia pela demonstração de elevado espírito de homem público, onde com suas nobres qualidades pessoais confirmou constantemente, de maneira elogiável, sua capacidade de trabalho,”* diz uma portaria de janeiro de 1967. *“O Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública resolve LOUVAR o Delegado de Polícia pelo excelente trabalho executado na sua*

*jurisdição, constituindo-se um exemplo de compreensão de problemas policiais," diz uma portaria de novembro de 1966.*

Bolivar, Najara e as meninas moravam em uma espaçosa casa, na Rua Marquês do Herval, 666 (onde hoje fica a Delegacia da Mulher, na esquina da Rua Pinheiro Machado). A família morava em cima e a delegacia ficava embaixo (o que era normal nas famílias de delegados, que ficavam tão pouco tempo em cada cidade que não faziam nem contratos de aluguel, acabavam morando onde o policial trabalhava). Nesse caso, porém, eles ficaram ali por muitos anos.

Muito correto e equilibrado, Bolivar era delegado em Caxias na época da Ditadura Militar. Embaixo da delegacia (e embaixo também de onde era a casa deles), ficava o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e Bolivar, apesar de ser linha dura, chegou a liberar algumas pessoas, além de não permitir que os presos apanhassem. Mesmo assim, quando se tratava de política, ninguém sabia a sua inclinação nem em quem ele votava. Era discreto nisso também, provavelmente por causa de sua profissão. Só há um único registro, no diário de Leonina: *"1954: eleitor aos 18 anos, votou pela primeira vez em Passo Fundo nas eleições para Presidente da República, no senhor Alberto Pasqualini (PTB)."*

Bolivar, como era de se esperar, como Delegado Regional, trabalhava exaustivamente. E quando passava do horário de expediente, pedia que a mulher e as filhas

o acompanhassem. Gostava de ter a companhia delas ao redor dele no escritório à noite.

Por muitos anos, as filhas andaram com motorista e segurança, sem sequer terem noção do perigo que corriam. Bolívar colocava a segurança da família em primeiro lugar. E sempre fazia questão de passar um tempo com as meninas, por mais que o trabalho tomasse grande parte do dia. Leda lembra que, em Caxias, ele levava ela, as irmãs e a cachorrinha para passear de carro, parando na carrocinha de cachorro-quente na esquina da Catedral. “O pai tinha uma presença firme, amorosa e agregadora. Sempre priorizou a família, nos ensinando força, coragem e empatia,” conta a filha Leila. “De todos os ensinamentos que ele nos deu, fica principalmente o da simplicidade, caráter e busca pela paz”, ela acrescenta.

Bolívar e Najara eram muito próximos. Faziam tudo juntos. Bolívar, inclusive, não gostava que Najara passasse tempo cuidando e limpando a casa. “Ele queria que a mãe ficasse do ladinho dele,” conta a filha Leda. Então a família tinha uma empregada que morava com eles para executar essas tarefas.

Juntos, o casal fundou o Lions Club Caxias do Sul, São Pelegrino, em 31 de março de 1968, com o desafio de se aprofundar nos objetivos do Lions Internacional. O Lions era a maior organização de Clubes de Serviço do mundo. Uma reunião de homens e mulheres de bem com dois objetivos prioritários: desenvolver o companheirismo e servir a sua comunidade. O trabalho do Lions era

espontâneo e sem fins lucrativos. Lá, fizeram amigos, participaram de muitos eventos e se envolveram em inúmeros projetos e campanhas. Bolívar foi o primeiro presidente do Lions.

Bolívar e Najara eram grandes frequentadores de bailes da cidade. Tinham muitas companhias para sair e a casa estava sempre cheia de amigos. Aliás, amigos, roda de chimarrão e contação de histórias eram três coisas que definiam Bolívar. Ele adorava fazer isso.

Além de contador de histórias, era um ótimo contador de piadas. Onde se sentava, pediam para que ele contasse uma. Se não era uma piada, era então algum acontecimento cômico envolvendo o trabalho da polícia. “Ele era muito amigo, bom de conversar, tinha facilidade de fazer amizades. Tinha uma memória excelente para contar piadas e tinha uma infinidade delas. Toda hora lembrava de uma! Depois que ele morreu, encontraram embaixo da cama dele anotações de várias piadas que ele fazia, por isso ele não esquecia,” conta Celso. “Ele sempre contava sobre algumas coisas que aconteciam na delegacia também. Lembro da história que tinha um funcionário, inspetor, nos anos 60, que tinha um Ford Galaxie. Era o modelo mais caro da linha de carro nacional. Depois, teve um Dodge Dart. Eram carros que pouquíssimas pessoas tinham e aquele funcionário ganhava pouco. Então ele me contou que trouxe esse inspetor para trabalhar lá na sede da Delegacia Regional, para ter controle do cara, deixá-lo embaixo do olho dele.”

Najara sempre gostou do fato de que Bolivar, apesar de ter um trabalho muito duro na polícia, conservava esse lado alegre e brincalhão. O casal se dava bem, mas em Caxias, algumas questões do relacionamento começaram a ficar mais difíceis.

Eles sempre haviam sido muito companheiros, mas com Bolivar afundado em trabalho na Delegacia Regional como nunca antes, o casal se afastou. Najara sentiu-se excluída. E decidiu que havia chegado a hora da separação. Bolivar não queria, mas saiu de casa. Foram meses de muita tristeza por não estar mais perto da família todos os dias. Os amigos contavam que ele chorava de saudades. E acredita-se que ainda gostava muito da mulher. “Eles eram um casal que se dava muito bem, mas em Caxias, se perderam,” diz Leda.

Não era só o trabalho como Delegado que tomava tempo do seu dia quando o casamento estava em crise. Bolivar havia começado também uma segunda carreira. Fez o Curso de Graduação de Bacharelado em Direito nos anos de 1970 a 1975 (formou-se em janeiro deste ano). Em seu histórico escolar, a maioria das notas eram 9 e 10, o que mostra que ele entrou para o Direito para levar a sério, como tudo o que fazia. — dava muita importância à educação.

O Direito tinha tudo a ver com ele, um amante de leis, de justiça e de leitura (lia muito e tinha sempre pelo menos dois livros na cabeceira da cama). Foi convidado para ser professor da UCS após a formatura, no Departamento de



Ciências Jurídicas. Deu aula no turno da noite de Direito Constitucional, Direito Administrativo, Direito Processual Penal e Criminologia. Depois, virou Coordenador do Colegiado do Curso de Direito (1977 e 1978). Bolívar chegou a ser diretor da Faculdade de Direito.

E foram esses amigos do Direito, Pedro Mirtes Vargas, Renato Menegat, Manoel Brito e Renan Falcão de Azevedo, que conseguiram um novo local para que Bolívar morasse após o divórcio e o ajudaram a se instalar. Ele mudou-se para um apartamento no último andar em cima da Galeria Central. “Era um kitnet e o pai foi morar lá. E eu me lembro que eu chegava lá no pai, tinha aquele trio de amigos, um jornal no chão, uma goteira no teto e um balde, e eles tomando chimarrão e conversando sobre Direito, sobre a vida, sobre política,” conta Leda.

O amigo Pedro, que tinha um escritório de advocacia na Galeria Central, que ficava no antigo Calçadão da Praça Dante Alighieri, ajudou Bolívar nos trâmites na sua aposentadoria da polícia. Quando o período de servidor público na polícia acabou, em 1981, Bolívar pôde advogar. Virou especialista em direito administrativo e penal.

Ele continuou encontrando-se com as filhas e manteve contato com Najara também, que após a separação, começou a trabalhar como telefonista do Hospital Saúde, e foi independente financeiramente pela primeira vez.

Najara, certo dia, chamou as meninas e disse que elas que ela e Bolívar ainda eram jovens e tinham direito

à felicidade. Essa conversa foi como uma “autorização” às filhas para que elas tivessem uma relação próxima com Vera Lucia Stedile Rizzo, com quem Bolivar estava saindo, um ano depois.

Aos 45 anos, Bolivar e Vera se casaram em uma cerimônia íntima. E de fato, as meninas conviveram muito com Vera, que aproximou até a sua própria família das filhas do novo marido.

Bolivar deixou o kitnet do período em que esteve separado e foi morar com Vera em um apartamento financiado pelo BNH (o extinto Banco Nacional da Habitação). Na mesma época, comprou também um apartamento para as filhas e para a ex-mulher morarem. “Ele amava a família,” conta Leda.

Cada casamento trouxe a ele felicidade de uma forma. Com Najara, em uma trajetória de mais de 20 anos juntos, construiu uma família e uma carreira, teve uma companheira para todas as situações. Com Vera, pelos seis anos seguintes, teve o apoio, o carinho e o aconchego que precisava para os próximos capítulos da vida que ainda estava por vir. Que infelizmente, não seria tão longa quanto a primeira parte.

Na tarde de 6 de abril de 1988, Bolivar, que havia saído para assinar a compra de um telefone para a casa das filhas, estava retornando ao prédio onde trabalhava, no antigo Calçadão. E como muitos dos acontecimentos da vida que simplesmente não têm explicação, escorregou e caiu. Pedro levou-o no colo até o táxi, já desmaiado, até

o hospital. Mas a batida na cabeça foi fatal. Bolívar tinha apenas 51 anos.

Na infância, a filha Leda, após ser estudada por médicos, descobriu que tinha a doença chamada anemia hemolítica, que é hereditária. E então descobriu-se também que Rejane, mãe de Bolívar, havia morrido dessa enfermidade aos 23 anos. Especula-se que isso tenha contribuído para a morte dele, já que a doença tem a ver com uma questão sanguínea, ou seja, uma queda que poderia ter sido apenas um susto para outra pessoa, acabou sendo uma fatalidade no caso dele.

A morte de Bolívar, assim como a de todos que nos deixam de uma hora para a outra, foi muito impactante. "A Vera era completamente apaixonada pelo pai, e a perda dele foi muito traumática para ela. Até hoje, ela sente isso," conta Leda. Vera não conseguiu participar com seu relato para este livro, tamanha a dor que ainda sente ao falar de Bolívar.

Não apenas para a esposa Vera e para as filhas (ele era o administrador emocional da família, conta Leda), mas para todos que trabalhavam com ele, a morte repentina veio como um choque. Bolívar foi velado nas capelas do Centro, próximo ao Pompeia e a quadra toda estava cheia de gente que chorava naquele dia. Promotores, juízes, advogados, colegas, alunos, clientes, inclusive um que ele atenderia naquele dia, gratuitamente (Bolívar tinha uma certa cota de atendimentos gratuitos no escritório de advocacia). Houve dia de luto no escritório onde ele

trabalhava e na faculdade. "Ele era muito amado e ele se dava com todo mundo. Do mais pobre ao cargo mais superior," diz Leda.

Bolivar fez um importante trabalho em Caxias. Primeiro na polícia, onde, entre outras conquistas, criou a Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes; trouxe o primeiro perito criminalista para dar aula na universidade; e aproximou os oftalmologistas da polícia, quando começaram a ser feitos os exames de olhos para a carteira de motorista, algo que antes dele não existia. Depois, como advogado e professor de Direito, onde seguiu impactando muita gente com seu trabalho.

As filhas não seguiram os passos da carreira do pai, mas o têm sempre em constante lembrança como uma inspiração de caráter. Leda estudou Direito por alguns meses, mas desistiu e mudou para as Artes. "Em uma aula de Direito eu escutei a seguinte frase: 'nem tudo que é justo é Direito, nem tudo que é Direito é justo'. E eu não queria viver com isso," explica Leda. Ela, no entanto, casou-se com Geraldo Tonolli, que admirava tanto o sogro que decidiu fazer Direito. Tonolli considerava Bolivar como um pai e pretendia advogar junto com ele.

Leila fez Educação Física, e Leise, Psicologia. "O meu pai deixou um legado de amor à vida. E amor a todas as pessoas que ele morou junto. Amava a vó Leonina, o Celso, o Quinca... tinha o maior respeito por ele, tanto que quando se formou em Direito, a primeira coisa que fez foi contar para ele, pois era um sonho do 'vô Quinca' ter

um filho advogado (ele considerava o meu pai como um filho). E o vô Quinca deu a ele um anel de formatura. Onde ele passava, ele criava uma amizade profunda. Por muitos anos eu encontrei pessoas na rua, e ainda encontro, que dizem, 'Bah, o Melgaré me fez coisas muito importantes'. Tenho muito orgulho dele," conta Leda. "Como profissional, em igual proporção, professor ou delegado, o pai deixou um trabalho de liderança conduzindo com seriedade e respeito, tanto para seus alunos como para a comunidade caxiense," acrescenta Leila.

Para Celso, Bolivar sofreu muitas perdas quando jovem que certamente deixaram alguns traumas, além de ter lidado com a doença que o atingia (que o fez sofrer com anemia e transfusões de sangue que causavam febre alta ao longo dos anos). Mesmo assim, ele conseguiu ser uma pessoa resiliente. Ninguém nunca o via reclamar de nada. "Ele conseguiu se construir com trabalho e esforço. Acho que a vida dele estava muito melhor quando ele já estava consolidado como advogado, época já aposentado e mais tranquilo. Sempre foi um cara correto, teve uma carreira bonita, fez por seus méritos," diz Celso. "Bolivar morreu com a mesma idade que morreu o pai. Só 51 anos. Tinha bastante coisa para fazer ainda na vida. E eu lamento não ter convivido tanto com ele. Temos que aproveitar as pessoas enquanto elas estão perto."

Bolivar não chegou a conhecer os netos, que começaram a nascer apenas alguns anos após a sua partida: a filha de Leda, Geraldine, nasceu em 1989 e hoje

é advogada. E os filhos de Leise, Ana Carolina (1995), que está se preparando para o setor público, Fernando (1993), que estuda Psicologia e Marcelo (1992), que é sommelier. Geraldine tem uma tatuagem em homenagem ao avô que tanto a inspira. Leva em seu pé a assinatura de Bolívar, que tirou de um dos processos assinados por ele.

O legado de Bolívar hoje já se estende aos bisnetos, pois Geraldine já tem um filho, Santiago (2016). “O pai, como todas as grandes almas, nos deixou retidão, resiliência, posicionamento perante a vida. Me sinto plena e feliz em saber que tive um pai que era um ser humano incrível. Os ensinamentos dele se perpetuam em nossos filhos e netos, seres em sua continuidade,” diz Leila. “Ele nos ensinou que é preciso evoluir ao encontro de nossa melhor versão. Foi o que fez na sua curta passagem,” diz Leila.

A passagem de Bolívar por este mundo, de fato, foi curta. E sua ausência foi muito sentida — ainda é — por todos que ficaram. Quem já perdeu um ente querido sabe que o vazio fica nunca é preenchido.

Ficou a certeza e o consolo de que apesar do pouco tempo, Bolívar viveu intensamente.

Lutou pelo que acreditava intensamente.

Mas mais do que tudo, amou — e foi amado — intensamente.



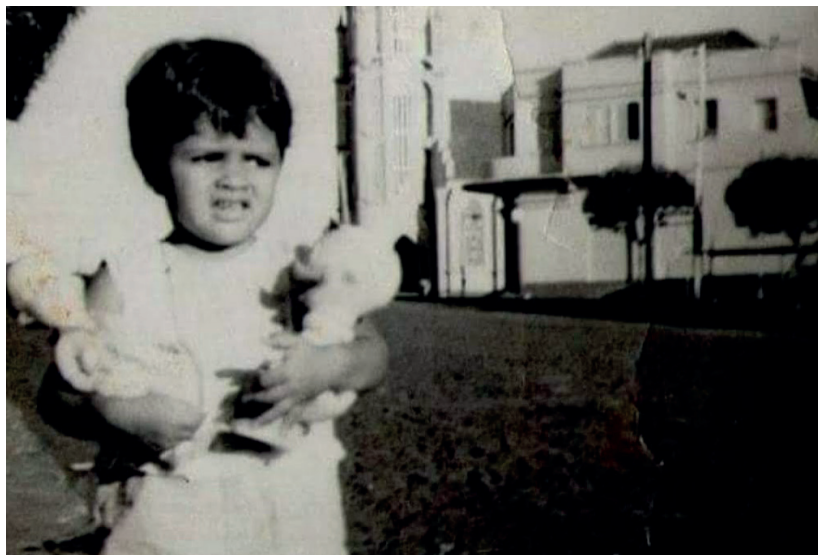
Acima: Os pais, Rejane e Pedro.

Abaixo: Prédio da Delegacia Regional: a família morava em cima e a delegacia ficava embaixo.

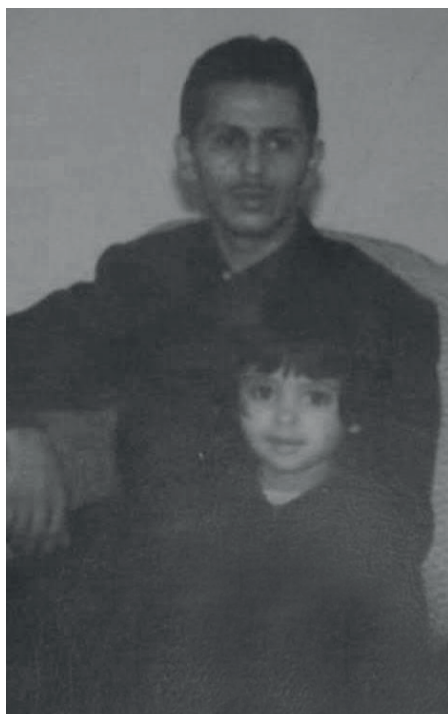


Acima: Casamento com Najara.  
Abaixo: A filha Leda, após uma apreensão de armas da polícia.



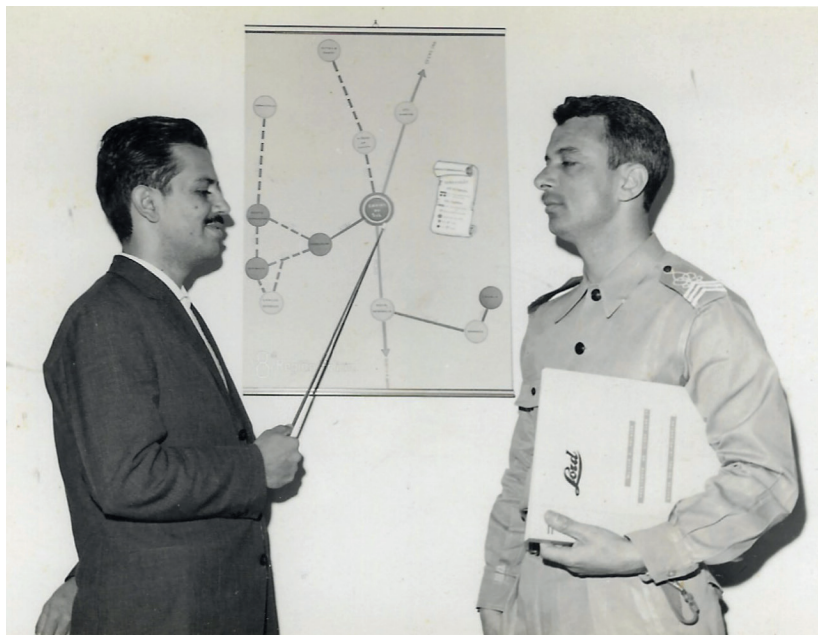


Acima: A filha Leila em frente à Delegacia de Santa Rosa.  
Ao lado: Leda e Bolívar.





Acima: As três filhas de Bolivar e Najara.  
Abaixo: As meninas com a mãe.



Acima: Bolívar no trabalho na Delegacia.  
Abaixo: De férias na praia. Sempre com o chimarrão.



Acima: Najara colocando o distintivo do Lions Club no marido.  
Abaixo: Em congresso do Lions em Pelotas.



Acima: em um evento de trabalho em Caxias do Sul.  
Abaixo: recebendo uma honraria da polícia.



Acima: Tocando o sino do Lions Club.

Abaixo: Na formatura de Direito. Bolivar é o terceiro da primeira fila.



Acima: Com a mulher, Najara.

Abaixo: Em uma reunião de trabalho em Caxias.



Dançando com a esposa.





Acima: Na inauguração de uma delegacia.  
Abaixo: Dando uma entrevista, pelo trabalho.



Bolivar, quando foi diretor do Curso de Direito da UCS.



Acima: As filhas já adultas.  
Abaixo: Leise e os filhos.

## Ex-delegado regional de polícia morre tragicamente

Ao meio-dia de ontem, quando caminhava pelo Calçadão da Praça Rui Barbosa, em frente ao Bradesco, o ex-delegado regional de polícia de Caxias do Sul, Bolívar Pedrotti Melgaré, 52, escorregou e bateu com a cabeça no chão. Levado às pressas ao Pronto-Socorro do Hospital Pompéia, depois de sofrer uma parada cardíaca não recobrou os sentidos, vindo a falecer.

Segundo o médico-legista Marloni dos Santos, a *causa motis* foi traumatismo cranioencefálico. Melgaré, que deixa esposa e três filhos, foi delegado regional em Caxias no período de 1967 a 1979, sendo promovido após a delegação de quarta classe e a posentando-se na polícia em 1981. Melgaré atuava como advogado na banca de Pedro Vargas e lecionava Direito Administrativo na Universidade de Caxias do Sul. Devido ao trágico falecimento, o diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UCS, Nelson Goulart Ramos, suspendeu as aulas na noite de ontem na Faculdade de Direito em sinal de luto.

Bolívar Pedrotti Melgaré será sepultado às 10 horas desta quinta-feira no cemitério do Bairro de Lourdes.



Ex-delegado Melgaré

### PARTICIPAÇÃO DE LUTO

A DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA DESTA CIDADE, AUTORIDADE POLICIAIS, AGENTES POLICIAIS E DEMAIS SERVIDORES DA POLÍCIA CIVIL, participam o falecimento do Ex. DELEGADO REGIONAL DE POLÍCIA.

### DR. BOLÍVAR PEDROTTI MELGARÉ

cujas as últimas homenagens estão sendo prestadas na Capela São José, Sala "A" nesta cidade. Os atos fúnebres serão realizados no dia 07 de abril de 1988, às 10:00 horas, com sepultamento no Cemitério Nossa Senhora de Lourdes.

Caxias do Sul, 07 de abril de 1988.



Os quatro netos de Bolívar, na infância.



O bisneto de Bolívar, Santiago.







Pouquíssimas pessoas conseguiram ser eternizadas. Ele conseguiu. Não foi pelos títulos, nem mesmo pelo cargo, muito menos por imposição ou insistência da família e amigos. É impressionante a presença que ele tem neste plano, mais de 30 anos depois da sua partida. Ainda mais impressionante para mim, que sequer o conheci fisicamente.

Ele é minha maior falta. Sinto como uma espécie de "arrependimento" por não ter nascido poucos anos antes para conviver com ele, como se tivesse sido uma escolha minha, ou nossa.

Meu avô tem uma presença na minha vida e nos meus atos que eu mesma não sou capaz de entender, a ponto de, desde pequena, agir de forma que não o decepcionasse. É como se ele estivesse comigo o tempo todo, mesmo sem ninguém nunca ter me dito que isso seria possível. Eu simplesmente sinto e agradeço por isso. Ele foi mais que um ser humano. Ele foi, e é, uma forma de conduzir a vida e as relações, admirável! Às vezes, eu penso que não ter o conhecido fisicamente fez com que eu só enxergasse suas qualidades e isso o tornasse ainda mais perfeito, porém, ao conversar com os que conviveram com ele (o que me faz muito feliz e é parte dos meus momentos preferidos da vida), percebo que até os defeitos os engrandecem. Sinto muito não ter ouvido sua voz, não ter recebido um abraço ou tomado um café com pastel de carne em uma galeria qualquer no centro de Caxias. Sinto muito não ter rido muito das piadas contadas repetidas vezes pela sua própria boca. Sinto muito não ter tido oportunidade de pedir conselhos ou

só ouvir os conselhos espontâneos que ele dava através de atitudes. Sinto muito não ver ele como bisavô.

Ainda assim, sinto que nossa convivência está viva, que podemos seguir nossa jornada praticando o que ele nos deixou e aproveitar o privilégio de carregar o legado de quem conseguiu ser eternizado por TODOS que tiveram o prazer da sua presença física.

Sinto muita alegria, e agora me sinto completa, por ter conseguido, através da Legado e de todos que se dispuseram participar deste livro, eternizar de forma física e virtual essa história e as estórias, a pessoa e a trajetória tão incríveis que tornaram, este livro, àquele que nunca ficará de enfeite ou precisará ser espanado. Ele será lido e relido sempre que quisermos uma pitada de inspiração, aconchego, carinho e, claro, dar fim à saudade.

Geraldine Melgaré Tonolli

Neta de Bolívar





## *Saudade*

*Saudade - Dor silenciosa e triste, amargo fêl da vida!  
A Saudade é apoteóse da dor, que numa angústia  
suprema vibra todas as fibras sentimentais de um  
coração cheio de ternura.*

*Aguda mágoa que torna o espírito dolorosamente  
triste, ai de um peito angustiado que se esvás no espaço,  
em busca do objeto de sua ternura, mas que se afunda  
no labirinto da dor. esta é a saudade.*

*Saudade! És a mais acerba recordação de uma  
felicidade que se extinguiu; de um ser querido, mas que  
nos conforta, nos suaviza na amarga lembrança, como  
um bálsamo celestial.*

*Dizem que a saudade surgiu do aceno de uma  
mão caridosa, de uma lágrima ardente, deslizando  
suavemente, pela face, de um último beijo em  
despedida de quem partiu para o Desconhecido; que ela  
veio de uma lembrança querida e da recordação de um  
passado feliz!*

*Saudade! Dor atroz, sem a esperança de rever o  
ente amado, que nos deixou para sempre.*

Trecho de artigo do jornal de Montenegro escrito por Leonina em 1939 e guardado em seu diário, após a perda de sua filha, Rejane.